



Os 186 anos da ACM foram comemorados com uma grande festa no Palácio do Comércio

• PAG. 4 e 5



Diretores do Sebrae-MA recebendo a placa de homenagem da ACM pelos seus 50 anos de história

Lucia Nobre Itapary movimentou Brasília para festejar nova idade em grande estilo

• PAG. 6

Divulgação



UM FOCO

de luz na bela Amanda Lisboa, livre e feliz, desfrutando do pôr do sol de setembro nesta ilha de encantos e sedução

Envelhecer explodindo de vida, alimentando-se do prazer. Envelhecer com os amigos, com os vizinhos, na santa paz de Deus, com a genética que Ele nos deu, envelhecer com Fé. Envelhecer vendo o tempo passar. É como estar no bar de um transatlântico, sabendo pedir a música certa à orquestra, aquela canção que vai emocionar a todos - em especial à pessoa amada.

Mas é também uma torcida para que este bar não seja o do "Titanic", só para contrapor a verdade de José Hernandez - autor do poema heróico "Martin Fierro" - àquela suposta verdade de Paulo Francis. O saudoso e rabugento jornalista costumava dizer:

- A velhice é um naufrágio...
Ao que o autor de "Martin Fierro" declamaria:
- Não é ruim ser velho. O "diabolo" é sábio menos por "diabolo" do que por "viejo".

E um silogismo torto imediatamente concluiria:
- Logo, é bom ser velho...

Velho engano. Os anos pesam. O melhor conselho é seguir Machado de Assis em "Esaú e Jacó":

- Não envelheças, meu amigo, por mais que os anos te convidem a deixar a Primavera; quando muito aceita o estio. O estio é bom, cálido, as noites são breves, é certo, mas as madrugadas não trazem neblina, e o céu aparece logo azul.

Minha avó, que nasceu em 1902, nunca viajou de navio, por temer estar a bordo e ver se

VELHICE:

o tempo anda depressa demais e precisamos envelhecer com Fé

repetir no mar a tragédia do Titanic. Agora, quando ela é só saudade e, como no poema de Drummond, apenas um retrato na parede, vejo um documentário de um cruzeiro no Atlântico Norte realizado há 10 anos para lembrar o centenário do afundamento do Titanic em abril de 2012. E do qual participaram os familiares de mortos do naufrágio mais famoso do século XX.

Mais de 110 anos após o Titanic afundar, a lenda permanece viva. A tragédia matou 1.523 pessoas. O Titanic Memorial Cruise, como foi chamado, partiu no dia 14 de abril 2012 de Southampton onde o Titanic original saiu em sua viagem inaugural. O cruzeiro de 12 noites recordou o 100º aniversário do naufrágio do transatlântico da White Star.

Imagino minha avó vendo um documentário desse e ficar sabendo que na mesma hora em que o "Titanic" zarpou cem anos antes, o cruzeiro Balmoral também zarpou do porto de Southampton, na Inglaterra, e navegou tranquilamente até Nova York pela mesma rota.

Com a mesma pureza e ingenuidade que lhe causava arrepios a possibilidade de se deparar com um Lobisomen numa noite de plenilúnio, a velha sertaneja de Presidente Dutra certamente sentiria um frio na barriga só em pensar que no mesmo ponto e na mesma hora em que o navio colidiu com um iceberg, foi realizada uma cerimônia a bordo para lembrar os 1.517 mortos.

Se eu disser que "o tempo passa, o tempo voa", estarei hasteando um truismo intolerável, nada mais óbvio do que o tempo escoar-se "como água em cesto". O que quero dizer é que, de uns tempos para cá, o tempo parece cismar de andar depressa demais. Gente, o ano passou muito rápido. Passou o período dos festejos juninos, as eleições estão chegando e o Natal já está na porta, de novo. Confissão de uma "alguma velhice" é a lamúria de alguém queixar-se a um velho camarada:

- A gente anda a Rua Grande todinha e não encontra um conhecido, um único parceiro pra jogar conversa fora.

Numa roda de coroa, conversa sobre futebol é profundamente reveladora do "tempo rodado por cada um". Todos têm os seus ídolos e conceitos encarcerados num prisma do tempo. De repente, instala-se a discussão sobre quem teria sido o inventor da "bicicleta".

- Foi o Neymar! - garante um garoto que acompanha os passos do ídolo do PSG...

- Foi o Pelé! - sustenta um velho fã dos anos 1960.
- Negativo. Muito antes do Neymar ou do Pelé, o Leônidas da Silva já pedalava no ar. Foi num jogo do São Paulo contra o Palestra, no Pacaembu, lá pelos anos 1940...

Os noventões diriam que não foi um, nem outro:
- Foi o Friedenreich, nos anos 1920, e usando um bermudão...

Aos da chamada "idade meã", caberia uma expressão de ironia:

- Pensei que tivesse sido o Gabigol...

Envelhecer é saber pedir a bebida certa, ainda que no bar do "Titanic", de modo a concordar com Machado de Assis nos seus "Contos Fluminenses":

- Barriga encolhida, espartilhado, via-se nele (no coroa) como que uma ruína do passado reconstruída por mãos modernas, de modo a parecer um produto do meio: nem a austeridade da velhice, nem o frescor da mocidade.



Dona Belinha (Isabel Alves de Carvalho) é uma das mulheres mais velhas do mundo. Ela nasceu em 1901, em Coelho Neto, mora em Bacabal e completou 121 anos no dia 15 de agosto



Dona Dayse Muniz comemorou este ano, cercada da família, seus 105 anos de idade. Em agosto participou da cerimônia de casamento de um neto, conduzindo as alianças dos noivos até o altar

VELHICE SAUDÁVEL:

envelhecer de forma saudável é a vida sendo exercida de forma plena, com direito a sonhar

Quando elas nasceram, a penicilina ainda não havia sido descoberta, a vacina contra a tuberculose acabara de ser testada em humanos com sucesso, a expectativa de vida no Brasil era de 35 anos e o mundo passara recentemente por duas guerras mundiais e pela pandemia da gripe espanhola, tão devastadora quanto a recente pandemia da Covid-19

Estamos falando de idosos com 100 anos ou mais, que, segundo o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) somam mais de 20 mil pessoas no Brasil. Estes dados já têm mais de dez anos e são os mais atuais pois, por ser uma população rarefeita, apenas os censos demográficos decenais são capazes de contabilizá-la, de acordo com o próprio IBGE.

Previsões mundiais indicam que o planeta terá 3,7 milhões de centenários em 2050. Mas qual é o segredo para uma vida tão longa? O que a ciência já sabe? Por que há locais em que a população vive mais?

O aumento da expectativa de vida, no século XXI, tem sido uma preocupação e um campo de muitas discussões. No entanto, vários esforços acabam sendo centralizados em pesquisas voltadas mais para tentar aumentar a longevidade humana do que para compreendê-la.

Especialistas chamam a atenção para o fato de que os determinantes da longevidade devem ser diferenciados daqueles do envelhecimento, embora os temas se sobreponham parcialmente. Eles colocam duas perguntas fundamentais: Por que envelhecemos? Por que vivemos tanto tempo quanto vivemos? Apesar das pesquisas sobre envelhecimento terem se intensificado há 30 anos, pouco se avançou também no sentido de compreender o complexo fenômeno do envelhecimento, pois elas enfocaram mais as patologias associadas com o envelhecer.

Acreditava-se anteriormente que o

tempo máximo de vida do ser humano seria de 100 anos, mas, atualmente, considera-se 125 anos. Por outro lado, estudos têm demonstrado que o ser humano, em condições ambientais ótimas e tendo comportamentos saudáveis, pode alcançar uma expectativa de vida média de 85 anos. O aumento no tempo de vida está muito associado aos avanços da tecnologia da saúde, que diminuíram as taxas de mortalidade. Atualmente, nota-se que a queda da mortalidade não teria mais tanto impacto no aumento da expectativa de vida, como teve no século XX, com o controle das doenças infecto-parasitárias, medidas de saneamento básico e imunizações, entre outros avanços.

Em um cenário de envelhecimento populacional e aumento da expectativa de vida, aliados à motivação instintiva humana de preservar a vida ao máximo quando se pode usufruí-la com qualidade, gerou a necessidade de se estudar quais os fatores reais que interferem ou que promovem aumento da longevidade. A questão alimentar tem sido bastante enfatizada. Sabe-se que a ingestão excessiva de alimentos pode estar associada à obesidade e a outras doenças que acabam por encurtar o tempo de vida.

Demonstrou-se, em experimentos laboratoriais, inicialmente com camundongos, que a restrição alimentar (redução percentual da quantidade de alimentos ou redução calórica) de 30 a 50% sobre a oferta de alimentos, nos períodos iniciais da vida, aumentava em até 40% a expectativa de vida desses animais. Entretanto, ainda não se conseguiu comprovar esta propriedade na espécie humana.

Já, o papel desempenhado pela genética é fato verificado e, cada vez mais, tenta-se identificar genes responsáveis pela longevidade. A maioria dos estudos, com enfoque genético, tem demonstrado que, aproximadamente,

25% do tempo de vida das pessoas são determinados por componente genético. Uma das dificuldades metodológicas em se estudar estes fatores é que a longevidade envolve um complexo fenômeno.

Paralelamente à procura dos genes, existem estudos que analisam a contribuição da hereditariedade. Observou-se que os filhos dos centenários tinham riscos reduzidos para as doenças associadas com a idade, como infarto, hipertensão e diabetes. Além disso, percebeu-se que eles apresentavam um processo de envelhecimento mais lento e que as doenças, quando se manifestavam, ocorriam em idade bem avançada.

Observou-se, também, que mulheres que tinham filhos após os seus 40 anos mostravam maior chance de viver mais. Isto não estava associado simplesmente ao fato de terem filho com esta idade, mas porque seu sistema reprodutor funcionava muito bem e, provavelmente, os outros órgãos também, tendo um processo de envelhecimento mais lento.

Com base em trabalhos realizados com população de centenários italianos, notou-se que os idosos que mantinham uma boa atividade mental viviam mais quando comparados aos que apresentavam algum problema, como isolamento e falta de atividade intelectual, que tendiam a morrer mais precocemente. Por outro lado, pessoas com hábitos não-saudáveis, como uso de álcool e falta de atividade física, podem apresentar envelhecimento e doenças crônicas prematuramente.

Outros autores confirmam que a atividade física é uma grande aliada da longevidade, além de diminuir o risco de aparecimento de algumas doenças. Geriatrias, entretanto, demonstraram que somente exercícios vigorosos teriam a propriedade de aumentar diretamente a longevidade.

Frente a essa diversidade de pesquisas

e fatores apresentados, verifica-se que a longevidade humana é um tema bastante complexo e que muitas perguntas ainda precisam ser respondidas.

Conversamos com pessoas ou com parentes dessas pessoas que já comemoram 100 ou mais aniversários e procuramos algumas respostas na ciência. Os que atingem cem anos de maneira lúcida e saudável têm em comum a alimentação equilibrada, sem exageros; a presença da atividade física no dia a dia, durante a vida toda, como fazer jardinagem, arrumar a casa, caminhar, mantendo o corpo saudável; e a boa saúde mental, a resiliência e a vontade de viver.

Afinal de contas, "Envelhecer de forma saudável é a vida sendo exercida de forma plena, em que os sonhos ainda podem ser concretizados com mais tempo para se dedicar a eles. É uma conquista para se fazer bom uso", garante o geriatra Paulo de Oliveira Duarte.

Índice de expectativa de vida

O Maranhão é o estado com o pior índice de expectativa de vida do País.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os maranhenses são os que vivem menos no Brasil.

Em 2014, a expectativa de vida era de 70 anos. No ano seguinte, subiu para 70,3. Em 2016, foram acrescentados três meses, com 70,6 anos.

Na região Nordeste, o estado com a maior expectativa de vida é o Rio Grande do Norte, com 75,7 anos. Em seguida, vem Pernambuco, com 73,9 anos, e Ceará, com 73,8 anos.

Para ilustrar a reportagem, escolhemos cinco mulheres do Maranhão que são exemplo de vida longa.



Dona Helena Moraes Correia nasceu em Parnaíba (PI) e veio ainda muito jovem morar em São Luís. Em junho deste ano comemorou 100 anos



Dona Enise Silveira Maciel está com 102 anos e completa 103 no dia 8 de dezembro. Das cinco, é a que tem a saúde mais abalada



Dona Maria Sardinha completou agora em agosto 102 anos e até hoje produz trabalhos muito elogiados como artista plástica

Para crer no ser humano

1 Esta história circula na internet, talvez seja ficção, mas é tão comovente que decidi recontá-la. O velho professor caminhava pela rua quando foi abordado por um jovem: "O senhor se lembra de mim?". Diante da negativa, o outro informou que havia sido seu aluno e que, por causa dele, também se tornara professor. O mestre então quis saber o que exatamente o havia inspirado.

Contou o rapaz: "Um dia um colega chegou com um relógio novo e bonito. Então, eu decidi roubá-lo. Tirei do bolso dele sem que visse. Quando percebeu, reclamou para você, que parou a aula e pediu que o autor do furto devolvesse o objeto. Como ninguém se manifestou, você fechou a porta, pediu que todos se levantassem e ficassem de olhos fechados para a revista. Você encontrou o relógio no meu bolso, mas continuou revistando todos os demais. Quando terminou, apenas anunciou que o relógio fora encontrado, devolveu-o ao dono e não disse a ninguém quem o havia roubado. Naquele dia, o mais vergonhoso da minha vida, você salvou minha dignidade. Nunca me falou nada, não me repreendeu nem me deu lição de moral, mas eu entendi a mensagem e percebi o que é ser um verdadeiro educador. O senhor não se lembra disso?"

Respondeu então o professor:

– Lembro-me do episódio e do relógio devolvido, mas não sabia que era você, pois também fechei os olhos durante a revista.

2 Já esta outra história eu atesto como totalmente verdadeira, pois aconteceu com dois jovens da minha família. Namorados, passaram um fim de semana em São Luís e já estavam na rodoviária para voltar a Presidente Dutra, com passagem comprada, mas sem dinheiro sequer para o lanche. E teriam que esperar pelo ônibus por mais de seis horas.

Famintos, sentaram-se num banco e começaram a conversar sobre o assunto. Poucos minutos depois, um homem que estava próximo (e que certamente ouvira a conversa) levantou-se, agachou-se perto deles e fingiu juntar um dinheiro do chão;

– Vocês deixaram cair isso! – falou, enquanto largava as notas no banco e se afastava sem esperar agradecimento.

3 Eis esta última que aconteceu comigo, quando terminava o Ensino Médio no Colégio São Luís. Alguns colegas fariam vestibular, mas eu não tinha o dinheiro da inscrição. Havia gasto em festas com os amigos toda a mesada que meus pais mandaram do interior.

O professor de História ficou sabendo por um colega meu, me procurou, colocou discretamente um envelope no meu bolso e se justificou:

– Recebi um aumento de salário e não estou precisando.

Tinha exatamente o valor da taxa de inscrição.

Foi graças ao professor Kalil Mohana, um saudoso e querido amigo, que aprendi a contar histórias.

Impunidade

O trabalhador brasileiro, o contribuinte que carrega nas costas uma das cargas tributárias mais pesadas do planeta, não se dá conta de que preciosas horas do seu esforço terminam caindo em mãos erradas.

Desconhece por ignorância, preguiça mental ou a tentativa de esperteza que faz o sucesso do conto do vigário, a colaboração direta ou indireta prestada aos larápios. Por ação, omissão ou pelo voto direto.

Os escândalos que vez por outra pipocam na administração pública não são a maior sanha perpetrada por servidores aos cofres públicos ou o prejuízo mais vultoso ao bolso do cidadão.

Mas é exemplar de como políticos costumam usar dos seus mandatos em proveito próprio, servindo-se e não servindo ao Poder.

Impunidade...2

Em 1764, o jurista italiano Cesare Beccaria publicou uma obra – Dos Delitos e das Penas – que se tornou famosa e polêmica por ir de encontro às práticas de tortura e da pena de morte, comuns na legislação europeia da época.

Beccaria mostrava que para se combater a criminalidade, mais vale a certeza da punição do que o rigor da pena. Tanto para o fraudador das contas públicas quanto para o assaltante de bancos.

Mas os principais atores desses crimes podem estar hoje de mãos dadas com os filhos, felizes da vida, ou sendo aceitos com pompa e circunstância em eventos sociais.

Em todos esses ataques ao patrimônio alheio há a certeza da impunidade.

O mal maior do qual falava o jurista italiano há mais de 200 anos.

Mirante da Cidade

O prefeito Eduardo Braide deu um tiro certeiro ao abrigar, no andar superior do prédio do antigo Banco do Estado do Maranhão, no Centro, o Mirante da Cidade.

O local rapidamente vai se transformar num dos principais roteiros turísticos da capital maranhense, pelo

que oferece de vista privilegiada da cidade que esta semana chegou aos 410 anos de fundação.

Como para se chegar ao Mirante da Cidade há limitação no número de pessoas pelo elevador do prédio, a prefeitura pretende realizar agendamento programado pela internet.

Edifício João Castelo

Outro gol de placa do prefeito Eduardo Braide foi atribuir oficialmente o nome de "Edifício João Castelo Ribeiro Gonçalves" ao prédio do antigo BEM.

Afinal foi o ex-prefeito Castelo quem adquiriu em leilão, em 2010, as instalações da rua do Egito para a

administração municipal.

Dona Gardênia e a filha Gardeninha, que passam estes dias num roteiro turístico por cidades portuguesas, foram alcançadas por um telefonema de Braide, que comunicou a elas a novidade.



O poeta Luís Augusto Cassas imortalizou o Edifício BEM com o poema "Um corpo que cai"

Edifício BEM e Poesia

Sou a única testemunha de um fim de tarde no último andar do edifício BEM, em que, entre uma dose e outra de uísque, o poeta Luís Augusto Cassas escreveu, à mão, o poema "Um corpo que cai". Ei-lo:

"Se um dia resolver me atirar/ do restaurante do 9º andar do Edifício BEM/ não culpem os amigos/ a demora do garçom/ (Afinal de contas o garçom nunca chegou atrasado para a minha sede)/ Nem reclamem os parentes o excesso de gergelim no cuxú/ a colherada de ketchup no estrogonofel/ que o cozinheiro/ por excesso de zelo exagerasse na conta do tempero..."

"Se um dia resolver me atirar/ do restaurante do 9º andar do Edifício BEM/ não digam nunca por favor/ que cai com medo das alturas (Com desejo tão vão o que eu ia dizer no céu?)/ Tampouco creditem o desejo de atirar o corpo (e talvez a alma)/ do 9º andar do Edifício BEM/ apenas porque o elevador estava repleto/ e eu possosso e inquieto/ de não saber esperar as coisas/ tivesse subitamente descoberto lá embaixo/ os automóveis mais fascinantes e faiscentes que a própria vida/ Não digam isso por favor/ ficará horrível para

os meus antepassados?!

"Se um dia resolver me atirar/ do terraço do 9º andar do Edifício BEM/ peço encarecidamente a todos os conhecidos/ pai mãe avô e namorada/ amigo de infância e amigo-da-onça/ que não culpem a Cidade/ a Cidade de São Luís Rei de França de La Touches e La Ravardières/ que (às vezes) por constrangimento geográfico/ ilha as pessoas em seu desejo de (a)mar/ Também não quero zoada de lágrima

batendo em lenço branco/ se um dia resolver me atirar/ do 9º andar do Edifício BEM/ Nem a presença especulatória de detetives/ na minha missa de Sétimo Dia/ metendo os narizes nas promissórias do meu passado/ ante a perspectiva – até fascinante –/ de que me suicidei por causa dos credores/ (minha dívida sempre foi para comigo mesmo/ morto eu: morta a dívida)..."

"Se um dia resolver me atirar/ do restaurante do 9º andar do Edifício BEM/ peço não digam nada a ninguém/ Mas se em não contendo a língua resolverem falar digam apenas/ ele desejava colher na noite/ a estrela mais bonita/ e seu corpo se despedaçou sobre os sobrados."

A realidade é outra

A velha cantilena de que os parlamentares só votam a criação de datas festivas para os calendários federal e estadual não encontra respaldo na realidade.

Com atribuição de analisar as pautas e de propor medidas de toda ordem, além de fiscalizar atos e gastos dos chefes de

governo, o Congresso e a Assembleia Legislativa interferem diretamente na vida do cidadão.

Só isso já é motivo para levar a sério o voto nos candidatos aos três mandatos parlamentares em disputa na eleição de 2022: deputados federal e estadual, além de senador.

O aval do Legislativo

Pois bem, são eles que analisam e propõem com frequência leis que causam impacto no seu bolso. O Congresso decide os rumos do país e a Assembleia faz o mesmo em um Estado, e o presidente ou um governador têm pouca margem de

ação sem o aval do Legislativo.

Os caminhos a serem percorridos em matérias financeiras, administrativas, de assistência social e de saúde, de segurança pública, de educação e até cultural e comportamental passam pelos parlamentares.

Assembleia Legislativa

A Assembleia Legislativa do Maranhão é composta por 42 deputados estaduais. Eles precisam aprovar as propostas do governo estadual para que elas virem leis e passem a ter validade. Isso significa que, sozinho, o governador não leva adiante seus projetos políticos.

Todas as leis que impactam a vida do cidadão

maranhense são aprovadas e modificadas pelos deputados estaduais, sejam elas de autoria do governo ou de parlamentares.

Deputados também podem derrubar vetos do governador a uma lei ou a pontos específicos de uma lei. É papel do parlamentar fiscalizar os gastos do governo e, se necessário, denunciar suspeitas.

Câmara dos Deputados

A Câmara Federal é composta por 513 deputados federais. Eles precisam aprovar as propostas do governo federal para que elas virem leis e passem a ter validade. Isso significa que, sozinho, o presidente não leva adiante seus projetos políticos.

Os deputados federais podem propor qualquer tipo de norma, inclusive para mudar a Constituição. Os projetos podem ser das mais variadas áreas, inclusive alguns de competência exclusivamente

federal, como modificações no Código Penal.

Todas as leis que impactam a vida do cidadão brasileiro são aprovadas e modificadas pelos deputados federais, sejam elas de autoria do governo federal ou de parlamentares.

Eles podem derrubar vetos do presidente a uma lei ou a pontos específicos de lei.

É papel do parlamentar fiscalizar os gastos do governo e, se necessário, denunciar.

Senado Federal

O Senado Federal é composto por 81 senadores, três de cada Estado. É a casa revisora, com atribuição de analisar decisões da Câmara Federal. Se uma decisão tiver origem no Senado, quem revisa é a Câmara. Como o sistema parlamentar federal é bicameral, ou seja, dividido entre duas Casas, os senadores também precisam aprovar as propostas do governo federal para que virem leis e passem a ter validade.

Todas as leis que impactam a vida do cidadão brasileiro são aprovadas e modificadas pelos senadores.

É papel do parlamentar fiscalizar os gastos do governo. E podem abrir comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar possíveis crimes. Se um processo de impeachment avança na Câmara, ele é analisado e votado depois, em fase definitiva, no Senado.



Adenirson Lage, que partiu para a eternidade na última quarta-feira, visto numa das festas Rainha das Rainhas ao lado das candidatas

Belém perde Adenirson Lage

Adenirson Lage, um dos mais antigos colonistas sociais do Jornal Amazônia, do Grupo Liberal, faleceu na noite da última quarta-feira. Ele dividiu com este Repórter PH grandes e eternos momentos da vida social, não só de Belém ou São Luís, mas também do Rio de Janeiro e São Paulo.

Adenirson, 76 anos, era colaborador do Grupo Liberal desde

1979, quando também assinou uma coluna semanal em O Liberal. Por décadas, foi coordenador do maior concurso de beleza e fantasia do país, o Rainha das Rainhas, do qual, a convite de Rômulo Maiorana, foi jurado algumas vezes.

Fica um enorme vazio e a saudade de mais um grande amigo que sai de fininho e parte para a eternidade.

Violência política de gênero

Lançada nesta semana pelo Ministério Público Eleitoral (MPE), a cartilha "Violência política de gênero é crime!" reúne informações sobre as regras eleitorais para este ano, criadas para garantir o direito das mulheres à participação no processo político-eleitoral,

reduzindo os riscos de violência física e verbal.

No documento, o MPE destaca que, além da própria vítima, qualquer pessoa pode denunciar os casos de violência contra as candidatas.

A cartilha faz parte da campanha "Política é substantivo feminino".

Flávio no Ministério

No comício de Luiz Inácio Lula da Silva em São Luís, realizado na semana passada, algumas coisas chamaram a atenção dos observadores políticos.

A primeira delas foi a quase convocação de Lula a Flávio Dino para compor um

ministério em Brasília num eventual governo petista a partir de janeiro de 2023.

– Você vai se eleger senador pelo Maranhão, mas não ficará no Congresso por muito tempo. – disse o ex-presidente, em tom não tão enigmático.

Ana Paula senadora

Claro que Flávio Dino gostou de ter ouvido a declaração de Lula sobre ocupar um provável ministério – e tudo levaria a crer que seria o Ministério da Justiça, como muitos já especulam por aí.

Mas quem gostou mais ainda do que disse Lula foi o deputado Othelino Neto, atual presidente da

Assembleia Legislativa do Maranhão.

Afinal, numa hipótese de Flávio Dino no ministério de um eventual governo Lula, a esposa de Othelino, Ana Paula Lobato, na condição de primeira suplente, assumiria de imediato o mandato de senadora da República.

Barba, cabelo e bigode

Por falar no deputado Othelino Neto, ele tem planos de fazer barba, cabelo e bigode nas eleições de outubro.

Ele mesmo deve ter uma eleição expressiva para renovar o seu mandato de deputado estadual – alguns falam em algo

próximo de 100 mil votos.

E, além da possibilidade de emplacar Ana Paula – que já é vice-prefeita de Pinheiro – no Senado logo em janeiro, Othelino também pretende eleger a irmã, Flávia Alves, para um mandato de deputada federal.

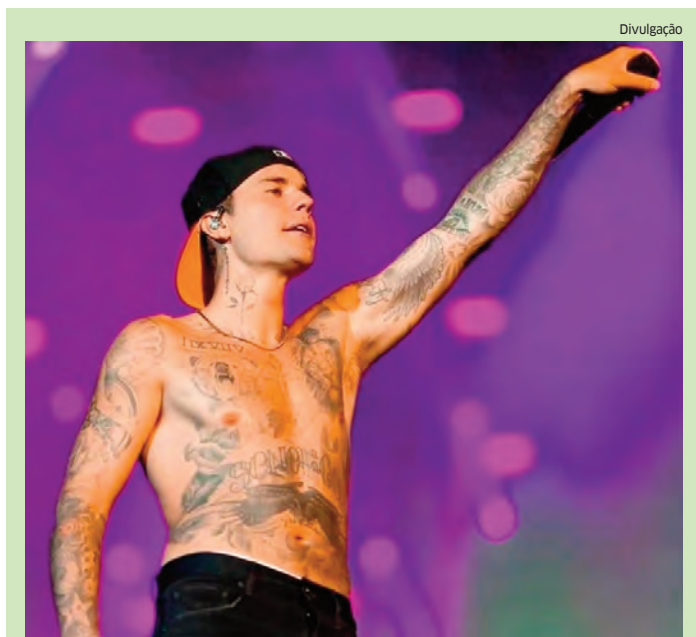
Eleição na Academia

O presidente da Academia Maranhense de Letras, Lourival Serejo, informou esta semana que já está marcada a data da eleição para a Cadeira 2 da AML, que foi ocupada por Waldemiro Viana e para a qual foi eleito, em seguida, o poeta Fernando Braga, que morreu antes de tomar posse.

A escolha dar-se-á no próximo dia 6 de outubro, e estão

devidamente inscritos para a eleição os candidatos José Sanches, Rossini Corrêa e William Amorim. Rossini Corrêa é o favorito.

Já a eleição para a Cadeira 23, que foi ocupada por Luís Felipe André, será realizada no próximo dia 19 de setembro. Para suceder André, deverá ser eleito com uma votação consagrada, o candidato José Jorge Leite Soares.



Os maranhenses que programaram ir a São Paul aplaudir o canadense Justin Bieber nos dias 14 e 15 deste mês, vão ter que esperar mais algum tempo. Os shows de sua turnê mundial foram oficialmente suspensos. Em carta aos fãs, Bieber desabafa e se desculpa: "Depois de sair do palco, a exaustão tomou conta de mim e percebi que preciso fazer da minha saúde a prioridade agora. Então eu vou fazer uma pausa nas turnês por enquanto. Vou ficar bem, mas preciso de tempo para descansar e melhorar".

O humor português

É previsível que os portugueses, com tão rica história de poder, desde a época em que o Brasil selvagem foi descoberto e devidamente colonizado, tenham algum resíduo de orgulho pelo produto final. Mas seria também compreensível que, tendo uma área territorial menor do que o Maranhão e uma população 10% menor do que alguns estados brasileiros, houvesse algum incômodo com o crescimento do "monstrinho" metido a gigante pela própria natureza.

Uma das áreas em que de vez em quando verte algum ressentimento é na intolerância a qualquer corruptela do idioma. Como um legítimo patrimônio deles, se preferimos renunciar ao Tupi-guarani para aderirmos à língua do colonizador, que ao menos respeitamos os padrões originais. E esta já seria uma justa pretensão deles.

Troca de farpas idiomáticas

Com uma população 20 vezes maior, espalhada num país continental, devemos considerar um milagre que todos falemos português. Mas ao sentimento luso isso não parece suficiente, e tanto brasileiros em Portugal quanto portugueses no Brasil trocam farpas idiomáticas, muitas delas recheadas de bom humor.

Uma ocasião, numa tarde do tórrido verão de Lisboa, ocupamos uma mesa de bar e um amigo de São Luís pediu ao garçom: "Por favor, uma cerveja bem gelada e uma porção de bolinhos de bacalhau".

– Não temos essa tal cerveja – foi a resposta dada pelo garçom. Num desânimo total, o amigo pediu uma Coca-Cola.

A cerveja dos sonhos

Minutos depois, sentou-se numa mesa ao lado um casal jovem, e o mesmo garçom trouxe-lhe a cerveja dos sonhos, daquelas em que a garrafa, ao ser aberta, libera os vapores do choque térmico com a temperatura ambiente.

Quando o amigo reclamou, o garçom explicou com toda a calma: "Disse-vos que não tinha, porque pedistes uma cerveja gelada, e essa não sai da garrafa. Agora estou a perceber que estáveis a pedir uma cerveja bem fria, que é a maneira que servimos toda cerveja neste país e por consequência neste bar!".

Tudo aquilo, com um risinho mal contido, foi de matar. Quando associamos à lembrança de que os hispânicos chamam sorvete de gelado, achamos melhor engolir. E quietos, como convém.

O riso de Saramago

Mas nessas reclamações há sempre uma dose de bom humor, com uma seriedade mal disfarçada, típica dos portugueses.

Tal como ocorreu quando José Saramago foi recepcionado, com grande comoção, em Belo Horizonte para apresentação de A Caverna, seu primeiro livro após o Prêmio Nobel de Literatura.

Ao ouvir, na cerimônia de abertura, que "BH estava orgulhosa de sediar o lançamento do último livro desse genial escritor", agradeceu por todo o carinho e pela oportunidade de descobrir que a apresentação de um livro no Brasil se chamava "lançamento", o que lhe permitia imaginar que "no futuro próximo, talvez essa possa ser transformada em uma nova modalidade olímpica, considerando-se que já estão consagradas as de lançamentos de peso, disco e martelo!".

A seriedade impenetrável do olhar enquanto o público rolava de rir define o humor mais sofisticado: aquele em que o autor da piada não compartilha o riso. Ou ri para dentro.

Todos temos um anjo da guarda

1 Conheci um poeta que dizia ter um anjo da guarda de asas negras e olhos verdes, e que avistou um desses seres mitológicos voando de cabeça para baixo. Mas de vez em quando fico vacilando diante de fatos inexplicáveis.

Esse episódio da Cristina Kirchner, por exemplo. Alguma coisa sobrenatural deve ter ocorrido para aquela pistola falhar. Os conhedores de armas dizem que a causa do engasgo pode ter sido munição velha, disparador com defeito ou mesmo imperícia do atirador, mas eu suspeito seriamente de uma intervenção divina.

Precedentes não faltam: o papa Francisco, "la mano de Dios", esses argentinos são cheios de surpresas...

2 Estudiosos de assuntos esotéricos, segundo Nilson Souza, garantem que cada ser humano já nasce com um anjo protetor, que é pessoal e intransferível.

Pena isso, pois seria bom contar com os serviços, mesmo que temporários, desse guardião celestial que segurou a bala fatal no bairro Recoleta.

Ou daquele outro que sugeriu o assento no avião da Chapecoense ao jogador Alan Ruschel, que saiu inteiro da tragédia e continua chutando bola por aí.

3 Brincadeiras à parte, há que ter respeito pelas pessoas que confiam no seu anjo da guarda, pois elas costumam usar a própria espiritualidade para o bem e esbanjam a autoconfiança de se sentirem protegidas.

Além disso, se atribuirmos tudo o que nos acontece apenas à casualidade, a vida perde muito do seu encanto e do seu sentido.

4 Mais: há que se considerar a conotação simbólica. Um anjo da guarda não é, necessariamente, a luz ofuscante e indecifrável, como muitas vezes é descrito.

Pode ser também aquele amigo ou amiga fiel que nos apoia sempre, pode ser o animal de estimação carinhoso que nos acompanha sem reclamar e até mesmo a nossa legítima impressão de companhia de afetos que já passaram para outra dimensão. Não importa: se você crê, ele existe

5 Nesse sentido, é também inegável a existência de conhecidos e anônimos anjos da guarda da humanidade, aquelas pessoas que se tornam protetoras de seus semelhantes pela prática do amor desinteressado, de cuidados pessoais, de orações sinceras e de ações beneficentes.

Confesso que sou devoto incondicional desses serafins e querubins do faça o bem sem olhar a quem. Mas é preciso reconhecer: poucos superam em eficiência aquele da senhora Kirchner, que segurou a bala e ainda fez com que ela se abaixasse para juntar um livro estrategicamente lançado ao chão.

Fotos/Paulo Soares/Divulgação/Herbert Alves



Magnólia Rolim (Vice-presidente da ACM), Celso Gonçalo (Presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae), Albertino Leal (Diretor Superintendente do Sebrae) e Cristiano Fernandes (Presidente da ACM)



Cristiano Barroso Fernandes e Roberto Albuquerque com o homenageado Emílio Bello (diretor geral da Farmácia Garrido)



O presidente da ACM, Cristiano Fernandes e Dilma Pinheiro (Vice-presidente do Conselho Superior da ACM) com o homenageado Douglas Pinho



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, Maurício Feijó, Roberto Albuquerque e Júlio Noronha



Nan Souza e o des. José Bernardo Rodrigues



Personagens Catarina Mina, Ana Jansen e Baronesa de Grajaú com o presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes



Fernando Duailibe (Vice-presidente para assuntos de economia e finanças da ACM), João Batista Rodrigues, (diretor da Fiemma), Fernando Palácio Duailibe (Construtora Escudo), Cassiano Junior (Secretário da SEINC), Cristiano Fernandes (Presidente da ACM)



O presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, em frente ao painel que homenageou os 168 anos da ACM

168 ANOS DA ACM:

uma bela festa que movimentou o mundo empresarial maranhense

Ao longo do mês de agosto, a Associação Comercial do Maranhão (ACM) promoveu uma série de atividades semanais, que chamaram a atenção da sociedade pelas parcerias com outras entidades empresariais do Maranhão e também com o poder público e são sinônimo de conquistas para a Casa, como, por exemplo, a assinatura do termo de cooperação para requalificação da fachada do Palácio do Comércio, sede da ACM, que se deu por meio de uma parceria com o programa Canteiro Escola, Sinduscon e Fiemma.

A entidade promoveu

também a Feira ACM Negócios & Oportunidades, um momento oportuno para que associados expusessem e comercializassem seus produtos e serviços na Praça Benedito Leite. O espaço ainda agregou empreendedores da economia criativa e colaborativa do Mobiliza SLZ.

No dia 24 de agosto, em conjunto com as entidades empresariais, a ACM promoveu o painel "Pacto pelo desenvolvimento: a união das entidades pelo fortalecimento econômico do Maranhão" com a palestra "Caminhos para o desenvolvimento econômico por meio da inovação" que contou com apresentação técnica com propostas das

entidades empresariais para melhoria da economia maranhense.

E, para fechar o ciclo de celebração do aniversário da entidade empresarial mais antiga do estado, de uma forma especial foi realizada no dia 31 de agosto uma Solenidade Magna, no auditório Arnaldo Ferreira, com a presença de autoridades, associados, diretoria, Conselho Superior da Casa e convidados especiais.

Neste ano, a ACM homenageou o Sebrae, pelos seus 50 anos de existência e também a empresa maranhense Farmácias Garrido que completou 102 anos de história.



Felipe Mussalém e a presidente da FUMPH, Kátia Bogéa



Camila Paixão e Cristiano Fernandes



O atual presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, ladeado pelos ex-presidentes Júlio Noronha, Felipe Mussalém, Luzia Fonseca Rezende, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Roberto Reis de Albuquerque



Fábio Nahuz (presidente do Sinduscom), Maurício Feijó (presidente da Fecomércio), Pedro Robson Holanda da Costa (diretor da Fiemma) e José AHIRTON LOPES (diretor regional do Senac-MA)



Cristiano Fernandes e Maristela Escabim



Fábio Ribeiro (presidente da CDL São Luís)



Júlio Noronha e Alberto Nogueira da Cruz



Max de Medeiros (Superintendente da Fecomércio-MA) e Manuella Fernandes



Marcelo Rezende

Fotos/Paulo Soares/Divulgação/Herbert Alves



Cláudia Galgani, Luzia Rezende, Desembargador Marcelino Everton (2º Vice-presidente do TJMA), Dilma Pinheiro, Celso Gonçalo e Douglas Pinho



Cassiano Pereira Junior (secretário da SEINC), Luzia Rezende, Drielly Belo e Emílio Belo (Farmácia Garrido), Cristiano Fernandes, Cláudia Galgani e Magnólia Rolim (Vice-presidente da ACM)



Celso Gonçalo, Socorro Noronha e Des. Marcelino Everton



Cláudia Galgani (primeira tesoureira da ACM), Dielly Bello (Farmácia Garrido) e Lilian Lobo (diretora da ACM)



Cristiano Barroso Fernandes com seus filhos Cristiano, Patrícia e Mateus



Magnolia Rolim e Julianderson Bandeira



Kaio Saraiva (presidente da OAB-MA), Cristiano Fernandes e Albertino Barros



Rodrigo Vilarinho, Magnolia Rolim e Jacira Haickel



Cristiano Fernandes e Cassiano Pereira Junior



Marco Moura (secretário adjunto de indústria, Comércio e Serviços da SEINC) e Kariny Maciel



Francisco Neto (diretor da ACM) e esposa



Emílio Bello (diretor geral da Farmácia Garrido) acompanhado de seus familiares

Fotos/Divulgação



Irene Maia, Ceres Flores, Berta Pelegrino, Ana Rosa Saboia, Lucia Itapary, Malu Carvalho, Rita Balock e Desirré Diniz

CHÁ ELEGANTE NO DF

reuniu gente charmosa de Brasília em torno da sempre alegre e querida Lúcia Itapary

Durante muitos anos a médica Lúcia Nobre Itapary viveu um tórrido romance com o executivo maranhense José Antonio Martins Itapary, de saudosa memória. Nesse período, trocou o Rio de Janeiro por Brasília e conquistou muitos amigos na Capital Federal.

Chamada carinhosamente pelas amigas de “Baronesa” de Itapary, por causa da descendência de nobreza do marido, cujo pai ganhou o título

de Barão de Itapary, sempre que faz aniversário e apesar de não viver mais em Brasília, a corte brasiliense faz festa para receber a amiga querida e comemorar a data.

Este ano, o Chá em torno de Lúcia Itapary, realizado no badalado Restaurante Marrom Glacê, mostrou o quanto ela é dona de prestígio e carinho. Conquista de quem tem como lema de vida o bem querer, o respeito e solidariedade, como foi definida pela colunista

Marlene Galeazzi.

Por causa das restrições dos tempos atuais, o número de convidados teve que ser limitado, como aconteceu nos dois últimos anos, o que não tirou o brilho da tarde/noite, num dos lugares mais românticos da Capital Federal

Confira nas fotos da tarde/noite de chá, que reuniu uma centena de amigas da aniversariante, a festa cheia de amor, muito carinho e o mais elevado astral.



Jaqueline Magalhães e Graciosa Galeazzi



Maryvan Rossi, Lucia Itapary, Carlinhos Beauty e Carmen Antony



Alice Ribeiro



Lucia Itapary com Lucimar Guimarães e sua nora Luciene Guimarães



Marisa Junqueira, Berta Pelegrino, Berta Pelegrino, Lucia Itapary, Maria José Santana, Heloisa Hargreaves e Bernadete Alves



Rosalino, Lucia Itapary, Marisa e Maria Ângela Rincom



Lucia Itapary e sua comadre Carminha Antony



A noiva mais recente é Serena Stoneberg Lipari. Casou-se em 5 de agosto deste ano



Adele foi a primeira noiva a usar o vestido, em 1950 para casar com Roy Stoneberg



Julie Frank casou-se com Tom Mackey



Eleanor Larson Milton casou em 1953



Sharon Larson e John Frank



Carole Milton e Lawrence Zmuda

HISTÓRIA DE UM VESTIDO:

há 72 anos as noivas de uma família usam o mesmo vestido que já serviu para oito casamentos

Adele Larson Stoneberg experimentou um vestido de noiva de cetim branco numa loja da cadeia Marshall Field's, no centro de Chicago, e decidiu que aquele era o ideal para se casar. Custou 100 dólares, mas foi perfeito para uma noiva em 1950, e, como mais tarde se comprovaria, o vestido de sonho também das décadas subsequentes.

Primeiro, Adele emprestou-o às suas duas irmãs. Alguns anos mais tarde, a filha e as três sobrinhas perguntaram-lhe se o podiam usar na hora de subirem ao altar. E no mês passado – 72 anos depois de Adele Stoneberg brilhar com o modelo na Igreja Luterana de Ebenezer – a neta Serena Stoneberg Lipari casou-se com o mesmo vestido na mesma igreja de Chicago, a 5 de agosto.

“Nunca tive dúvidas de que seria a oitava noiva da família a usar o vestido”, declara Serena Lipari, 27 anos, enquanto elogia o vestido de manga comprida com uma generosa cauda, decote recatado e pequenos botões elegantes nas costas. A avó de Serena já morreu, mas todas as restantes familiares, incluindo uma tia, as suas tias-avós e várias primas, que já tinham usado o clássico vestido de Adele estiveram presentes na cerimónia. “Quando comecei a andar até o altar e pensei na minha avó que também tinha usado aquele vestido, fiquei emocionada”, confessa a noiva. “Senti uma ligação especial com ela no dia do meu casamento”.

A tradição do vestido da família Stoneberg começou quando Adele Larson, então com 21 anos, ficou noiva de Roy Stoneberg, em 1950, e foi com a mãe, Anna Larson, à loja de noivas do oitavo andar da hoje extinta Marshall Field's para experimentar modelos de noiva.

“A escolha do vestido foi bem-feita, um modelo intemporal (ano após ano eles continuam a fazer parte da escolha de muitas pessoas)”, elogia a irmã de Adele, Eleanor Larson Milton, agora com 90 anos, e que foi a madrinha do casamento. “É um vestido muito clássico, com um bonito corpete e muitos botões”, descreve. “Quando se toca naquele cetim de alta qualidade, percebe-se que está muito acima da média”, garante.

Chegada a altura de Eleanor se casar, em 1953, já sabia exatamente o que queria vestir: “A minha mãe tinha tido muito cuidado com o vestido e guardou-o numa caixa hermética. Nunca me ocorreu não o usar. Era perfeito em todos os sentidos”.

Após o casamento de Eleanor Milton, o vestido foi lavado a seco e guardado novamente – desta vez durante 16 anos. A irmã, Sharon Larson Frank, decidiu desembrulhá-lo e continuar com a tradição familiar, em 1969, quando se casou com John Frank.

“A nossa mãe nunca nos disse que tínhamos de usar o vestido, foi acontecendo”, assegura Sharon Frank, 77 anos. “É um vestido tradicional, servia-nos a todas, graças a alguns ajustes



A noiva mais recente é Serena Stoneberg Lipari. Casou-se em 5 de agosto deste ano

pequenos”, explica. “Quando a minha mãe se ofereceu para me levar a comprar outro vestido, disse-lhe imediatamente que queria usar aquele”, recorda.

Após o casamento, o vestido voltou para a caixa até a filha de Adele Stoneberg, Sue Stoneberg McCarthy, se casar com Robert McCarthy, em 1982.

Agora com 66 anos, Sue conta que acrescentou pequenos toques para tornar o vestido mais seu. “Todas tínhamos os nossos próprios véus, ramos e joias. A personalidade de cada uma brilhava quando estávamos a caminho do altar no dia do nosso casamento”, observa. “Vestir aquele belo vestido no meu dia especial fez-me sentir próxima da minha mãe e das minhas tias”, reforça.

Oito anos depois, em 1990, o vestido foi cuidadosamente retirado da caixa hermética pela quinta vez, para que a filha de Eleanor Milton, Carole Milton Zmuda, o usasse para desposar Lawrence Zmuda.

Carole confessa que admirava o vestido desde que tinha sido menina das alianças no casamento da tia Sharon.

“Decidi abrir um pouco mais o decote, mas de resto era perfeito”, relata a mulher de 61 anos, que agora vive em Great Falls, no estado da Virgínia. “Quando olho para trás, recordo que sempre tive a sensação de que ia usar aquele vestido”, declara.

A sua irmã Jean Milton Ellis foi a seguinte a usá-lo, em 1991, na união com Tom Ellis. Com 66 anos, recorda com carinho os encontros com a avó, as tias e as primas para almoçar sandes de peru no Walnut Room, um dos restaurantes dos armazéns Marshall Field's, comprado pelo grupo Macy's em 2006.

“Senti-me honrada e privilegiada por ter tido a oportunidade de usar aquele vestido lindíssimo”, conta Jean, lamentando que a tia Adele tenha morrido três anos antes do seu casamento. “Cresci vendo fotografias de família com o vestido, por isso tive orgulho em fazer o mesmo. É tão clássico agora como era em 1950”, pontua.

A prima, Julie Frank Mackey, tornou-se a sétima noiva a casar-se com o vestido de cetim, em 2013, para se tornar

esposa de Tom Mackey. “Sou significativamente mais alta do que as outras noivas, por isso a minha mãe [Sharon] acrescentou uma fita larga à bainha e tomou o meu véu mais comprido para esconder os ajustes feitos no corpete”, revela.

Tal como as restantes, também Julie destaca a sorte que é o fato de o vestido se adaptar aos diferentes corpos das mulheres. “É uma forma de ligar profundamente todas as mulheres da nossa família”, acredita.

Julie Mackey não esconde a emoção por ter visto, no início de agosto, a prima Serena casar-se na mesma igreja da sua mãe e das tias com o mesmo vestido. “Todas as que se casaram com o vestido tiveram casamentos duradouros e saudáveis. Gostamos de pensar que nos traz boa sorte”, diz, em jeito de superstição. “Esperamos continuar a preservar o vestido – e a tradição – para os muitos casamentos que hão-de vir”, deseja.

As regras de uso

Se o vestido de noiva continuar a ser usado durante mais 72 anos, será graças aos esforços feitos por Sharon Larson Frank, que se encarrega da limpeza e do cuidado da peça e do seu correto armazenamento. “Guardo-o numa caixa selada e uso uma forma [tipo manequim] para ajudar o corpete a manter a sua forma”, explica.

Nos próximos anos, há várias mulheres da família com perspectivas de se casarem, mas as oito mulheres não querem que o uso do vestido de Adele seja encarado como uma exigência. “Não queremos que sintam pressão”, diz, com humor, Sharon Frank.

Mas se usarem o vestido de noiva da família, terão de comprar – ou pedir emprestado – outro para o brinde, avisa Sharon: “Temos esta regra de que ninguém usa o vestido para a festa. Para evitar nódoas”.



Jean Milton e Tom Ellis



Sue Stoneberg e Robert McCarthy

Evandro Júniorevandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/_evandrojr)[@evandrojr](https://www.instagram.com/_evandrojr)

Oito horas de música

Quatro grupos e oito horas de música é o que promete a programação do Casarão Colonial para este domingo (11). Palmares, Samba de Reis, Grupo CDC, Argumento e o DJ Arsênio Filho já estão na concentração para mais uma tarde-noite de muita descontração no espaço mais disputado do Centro Histórico aos domingos. Na recepção estarão Mirella Castelo Branco e Ana Sousa Motta.

Capacitação

“Atendimento inesquecível” foi o tema da capacitação ministrada pela Faculdade de Negócios Faene aos seus funcionários, na semana passada. Foi uma tarde-noite para a discussão de melhorias, transformações e evoluções dentro da área de atendimento ao público. Sinergia foi a palavra-chave da capacitação.

Donana Jansen

A TV Assembleia celebrou os 410 anos de fundação de São Luís com a estreia de um especial que resgata a trajetória de uma das personagens mais emblemáticas da história da cidade: Ana Joaquina Jansen Pereira. O documentário ‘Me chame Donana Jansen’ está no Youtube. A produção, idealizada pelo diretor de Comunicação da Assembleia Legislativa, jornalista Edwin Jinkings, que também assina a direção-geral, festeja a cidade jogando luz sobre aspectos diferenciados da vida da protagonista.

Kaê Guajajara

“Kwarahy Tazyr”, primeiro disco completo de Kaê Guajajara, lançado em 2021, ganha agora mais palcos nacionais com a turnê patrocinada pela Natura Musical. Para abrir os caminhos dessa circulação, Recife recebeu a cantora, no Teatro do Parque, no dia 9. Na sequência, já em São Luís, a artista ocupa a Casa d'Arte neste sábado, 10, e Chão SLZ neste domingo, 11. Em Manaus, a agenda acontece no dia 16, no Casarão de Ideias, e no dia 18, no Te Encontro na Barroso. Em cada apresentação, um artista local será convidado.

Espaço colaborativo

Um espaço que adota o conceito de coworking e ainda oferece diversos cursos de marcenaria e serralheria é a proposta da Casa da Árvore (@casadaarvorecoworking), com instalações no bairro Olho d'Água e no Centro Histórico.

Amadores e profissionais

Criado pelo designer Edie Garcia em parceria com os mestres em Design Helton Bezerra e Leanoelson Andrade, o projeto disponibiliza um ambiente compartilhado entre amadores e profissionais para a fabricação de móveis e outros tipos de objetos. Existe desde 2019, deslançando no período da pandemia do novo coronavírus.

Exercício de criatividade

Com ferramentas e maquinário à disposição dos frequentadores, é possível trabalhar por quantas horas se quiser levando-se apenas os insumos. O trabalho é prazeroso, um exercício de criatividade e desenvolvido em perfeita harmonia com a sustentabilidade. Nada é jogado fora, mas tudo é reaproveitado.

Domínio de técnicas

Edie Garcia conta que, como ele e os sócios perceberam que havia necessidade de capacitar as pessoas para usar o espaço e assim produzir os seus objetos, começaram a oferecer os cursos. Com o domínio das técnicas, é muito mais fácil tirar as ideias do papel e colocar na prática. Uma vez dado o pontapé inicial, os alunos viajam em suas criações e se surpreendem com eles próprios.



Fotos/Divulgação

HELOÍSA BATALHA, que além de apresentadora do programa Daqui, da TV Mirante, e locutora da Rádio Mirante FM, é também influenciadora digital das mais atuantes e dinâmicas, sempre com muita simpatia e um largo sorriso



Momento vovô coruja do senador Roberto Rocha. Quando não está em Brasília, ele faz questão da companhia do neto, Paulo Roberto, filho de Paulo Roberto Rocha, que está em tratamento de saúde há quatro anos



O prefeito de Codó, José Francisco, na cavalgada do festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus, uma tradição que acontece todos os anos naquele município e leva milhares às principais ruas da cidade



A estação mais florida do ano chegou e a Terra Zoo anunciou promoções de plantas e flores para deixar os jardins cheios de vida. Na foto, Fernando Coelho, gerente de Marketing da empresa, lembrando que a 'Primavera Terra Zoo' segue até 30 de setembro em todas as lojas, e na praça de eventos do Pátio Norte Shopping, até 15 de setembro

- O fenômeno João Gomes levou 120 mil pessoas à Praça Maria Aragão na última quarta-feira (7), durante a programação alusiva ao aniversário de São Luís organizada pela Prefeitura.

- O cantor incendiou a plateia e deixou a área em um carro escoltado por seguranças do evento e pela Polícia Militar, devido ao número de fãs que o aguardavam do lado de fora da estrutura onde se apresentou.

- Aliás, a Prefeitura só está recebendo elogios pela grandiosa festa que termina neste domingo (11). A programação é bastante diversificada.

- Representantes do Sistema Fiema estiveram no Observatório Nacional da Indústria, em Brasília.

- O Observatório é uma iniciativa da CNI e reúne dados sobre tecnologia e inovação, educação, saúde, trabalho, estudos prospectivos e pesquisas. A expectativa é de que seja implantado um Observatório da Indústria também no Maranhão.

- O objetivo da iniciativa da Confederação Nacional da Indústria é aumentar a competitividade da indústria brasileira ao disponibilizar estudos e insights que possibilitem a tomada de decisões estratégicas.

- Na última quinta-feira (8), o jovem poeta maranhense Willame Belfort prestou uma homenagem à São Lupis com vídeo-poemas publicados em sua rede social.

- A proposta era registrar a leitura de textos autorais em locais que permeiam os cenários contidos nos poemas, fazendo a conexão entre texto e imagem e, por fim, louvando a Ilha do Amor.

- O professor Cidinho Marques, com o filho Rodrigo, prestigiou o show de Roger Waters, ex Pink Floyd, em Nova York.

Fotos/Reprodução



Em "Pedaços de uma mulher", Vanessa Kirby tem uma atuação intensamente física como uma mulher cuja vida e casamento são revirados pela morte de um filho

O BELO FILME

“Pedaços de uma mulher” ou o estudo cru e irregular de uma perda

Confesso que desde criança adoro cinema. Gosto de filmes de arte, de aventuras, musicais. Gosto, sobretudo, de filmes inteligentes. Mas adianto aos leitores que não sou crítico de cinema. Apenas gosto de mergulhar de corpo e alma nos filmes que realmente me tocam.

Durante a pandemia me ausentei das salas de cinema, por cuidados com a saúde, e criei em casa a minha própria sala de cinema, graças à Netflix, que me fez companhia nas noites de medo e solidão. Agora estou voltando a ver filmes na tela grande, mas sem deixar de lado a minha sala íntima.

Esta semana, por exemplo, fui apresentado por uma amiga cujo bom gosto admiro muito, a um filme de 2020 “Pieces of a Woman” (Pedaços de uma Mulher). Seja na Netflix ou na tela grande, ninguém esquecerá tão cedo sua cena de abertura de 22 minutos de um parto em casa. Para quem ainda não viu o filme de Kornel Mundruczo, não vou revelar muito dizendo que as coisas pioram nessa sequência tecnicamente deslumbrante.

O efeito é notavelmente semelhante ao que Mundruczo, um diretor húngaro, colocou no palco do teatro TR Warszawa em Varsóvia em sua produção de 2018 de “Pieces of a Woman” (Pedaços de uma Mulher), que posteriormente foi apresentada no Thalia Theatre em Hamburgo. O nascimento ocorre em grande parte a portas fechadas, e o público assiste a um vídeo ao vivo que é projetado na frente do set fechado. Como no filme, Mundruczo nos dá o nascimento em um único plano de parar o coração, sem cortes para permitir que o público recupere o fôlego.

Embora as comparações entre os filmes e as peças em que se baseiam tenham seus limites, a versão teatral é totalmente mais rica, mais íntima e mais imaginada do que a da tela.

A autora da peça, Kata Weber, esposa de Mundruczo, trata o parto angustiante como um prólogo de um jantar magistralmente prolongado. Com quase duas horas de duração, é uma refeição em família que parece um drama de um ato por si só.

Já se passaram seis meses desde a trágica noite que abre a peça, e a mulher enlutada e seu marido aparecem para o pato assado e revelações dolorosas. Ao contrário do filme, que foi um veículo para sua estrela, Vanessa Kirby (que ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema de Veneza e uma indicação ao Oscar), a versão teatral é menos um estudo de personagem do que um retrato

das formas que os relacionamentos entre pais, filhos, irmãos e parceiros brigam após uma tragédia.

No papel principal, Maja, Justyna Wasilewska, está emocionalmente nua e intensa em sua dor, mas também cheia de uma vivacidade e humor deslumbrante. Mas Mundruczo a cerca com seis atores cujas performances extraordinárias fazem desta uma verdadeira peça de conjunto. Há Dobromir Dymceki como o charmoso marido engenheiro de Maja, Lars, que, com medo de enfrentar sua dor de frente, cai na imaturidade e no comportamento inadequado. Há Magdalena Kuta como mãe adotiva severa de Maja, que convidou uma parente advogada (Marta Scislowicz, que é mais cautelosa do que calculista) na esperança de convencê-la a tomar medidas legais contra a parteira.

Apesar de todas as palavras afiadas, maquinações e recriminações, a cena estendida não é sombria nem sombria. Em vez disso, os temas sérios são permeados de humor, pathos e reviravoltas irônicas que trazem à mente Chekhov ou Bergman. Quando Maja e sua meia-irmã competitiva (Agnieszka Zulewska) rodopiam pela sala de jantar com fitas de ginástica ao som do hit pop italiano dos anos 1980 “Felicità”, o momento exuberante proporciona uma

espécie de catarse sem palavras. Embora Maja tenha sofrido um golpe inimaginável, entendemos que ela está longe de estar quebrada: não porque ela seguiu em frente, mas porque ela tem a coragem de assumir sua dor. Desafiadoramente, ela reconhece sua perda, mas se recusa a ser definida por ela.

A determinação de reconhecer e compreender o trauma passado como forma de superá-lo também anima o trabalho de Annie Ernaux. Esta escritora francesa tem colocado sua vida na página por quase cinco décadas, tanto em ficção autobiográfica quanto em memórias. Seu livro de memórias de amadurecimento de 2016, “A Girl’s Story”, apareceu em inglês em 2020 e apresentou aos leitores seu estilo preciso e incandescente.

É difícil saber o que o elenco múltiplo em “Memory of a Girl” (Pedaços de uma Mulher) pretende transmitir. Pode ser simplesmente que Costa quisesse aproveitar as excelentes atrizes à sua disposição. Mas me pergunto se havia um propósito mais profundo no livro para o palco do que confiar o texto a um único intérprete.

“Devo dissolver a garota de 1958 e a mulher de 2014 em um único ‘eu’?” Ernaux se pergunta em “Memory of a Girl”. A interrogação de uma consciência fragmentada ou dissociada pode

parecer especialmente adequada à arte da escrita. Mas Costa, como Mundruczo, encontra meios eminentemente teatrais para nos fazer entender uma mulher que está quebrada e recuperada.

Há duas cenas notáveis em “Pieces of a Woman”, embora a primeira – uma cena de abertura de quase 30 minutos, em grande parte ininterrupta, de um parto em casa – pareça destinada a desviar a atenção da crítica da segunda.

Essa cena, chegando na metade do filme, parece pelo menos tão radical e corajosa quanto seu precedente. Nela, vemos o casal central, Martha e Sean (Vanessa Kirby e Shia LaBeouf), tentando fazer sexo. Ambos estão de luto pela morte de seu filho; mas enquanto Martha se voltou para dentro, Sean está estendendo a mão com visível agressão.

A disputa oscila à beira da força; o que desvia essa impressão é nosso conhecimento da proximidade do casal (belamente estabelecida na cena de abertura) e a atuação intensamente física de Kirby. Usando principalmente a linguagem corporal, ela transmite a necessidade desesperada de Martha de corresponder ao desejo do marido, de sentir algo além do vazio. Seria lamentável, portanto, se as atuais alegações de abuso contra LaBeouf desviassem sua habilidade.

Perfurando um tom íntimo e natural com lascas de melodrama

quase ensaboadas, “Pieces of a Woman” (Pedaços de uma Mulher) chega perto de torcer você. A estreia em inglês do diretor húngaro Kornel Mundruczo (mais conhecido por seu drama de cair o queixo de 2015, “White God”), o filme nem sempre dá certo: a busca do casal por uma ação legal contra sua parteira aparentemente inocente (Molly Parker) se sente em desacordo com o emocionalismo denso do filme. No entanto, quando tudo se encaixa, o roteiro (da esposa do diretor, Kata Weber, com base nas memórias de uma experiência semelhante) mostra com lucidez como uma perda inimaginável pode desencadear uma cascata de atrofias.

Como Sean, um trabalhador da construção civil em recuperação de longa data, LaBeouf empresta uma solidão tocante a um personagem que, impulsionado pelo afastamento de sua esposa, busca conexão e sensação em outro lugar. Diferenças de classe e educação ficam à vista, revigoradas pela mãe rica de Martha (uma magnífica Ellen Burstyn), uma sobrevivente do Holocausto com espinhas de aço. As brigas familiares giram em torno de decisões que, na esteira de um luto devastador, não significam nada e tudo: a disposição dos restos mortais do bebê, a grafia do nome escolhido.

Outras vezes, no entanto, são apenas ruído branco para Martha, que toma as ruas frias de Boston, sozinha, exceto pela câmera deslizante e compassiva de Benjamin Loeb. Em uma mercearia, ela inala o cheiro de uma maçã, depois envolve suas minúsculas sementes em algodão úmido e as coloca carinhosamente na geladeira. Demora um pouco até descobriremos o porquê; no entanto, Kirby (maravilhosa como a jovem princesa Margaret na série da Netflix “The Crown”) nos faz sentir a agonia de Martha com tanta intensidade que os detalhes pouco importam. O foco do filme no físico – a forma como seu corpo continua a vaziar fluidos pós-parto; como ela se encolhe quando os amigos se movem para tocá-la – é tão implacável que se torna a narrativa.

Situado ao longo de oito meses angustiantes, “Pieces of a Woman” (Pedaços de uma Mulher) é um estudo irregular e hipnotizante de ruptura e reconstrução. O final é mal julgado, mas o filme entende que enquanto amamos em comum, sofremos sozinhos.

Sem dúvida, um filme filosoficamente profundo, um diamante para os olhos e um foco de luz para o pensamento.

Sem memória e de costas para o futuro

Num domingo recente, desviei as incursões peripatéticas a que me entrego em benefício de um inquieto coração, rumo ao chamado Centro Histórico de São Luís, que é talvez a mais antiga área sofisticada da cidade. Jamais caminho só. Levo junto a imaginação do escritor. Mas nada tinham de fantasiosas as antigas “mansões” que fui percebendo desertas e malcuidadas em certas ruas, alamedas e praças.

Não eram todas. Havia umas habitadas ou convertidas em sedes de empresas. Mas outras estavam fechadas, protegidas por um zelador, grades, cães e alarmes. Boa parte dos espaços próximos tinha sido invadida por desocupados.

Minha atenção foi convocada pelos palacetes agonizantes: sou um nostálgico assumido. Ornados de mirantes e sacadas, guardavam os claros vestígios de um ido esplendor. Sua arquitetura era eclética, no geral composta de moradas inteiras, meia-moradas e sobrados; ora se observavam torreões sobranceiros, nunca faltavam arvoredos ao fundo, sugerindo pomares.

Frequentei, na época de colégio e de faculdade – ou seja, nos meus anos inaugurais nesta cidade, vários exemplares do gênero, onde vivia colegas e amigos ricos, isso naturalmente antes que São Luís fosse exposta à corrida imobiliária que lhe deformou a face, lhe roubou a luz e os horizontes, em troca de desgraciosos caixotes de concreto.

A mais bela que visitei, faria excelente figura num filme rodado na Riviera, na Nova Inglaterra, nas margens do Wannsee. Mas acabou demolida pela ação do tempo e pelo descaso de seus proprietários e do poder público.

Bateu-me uma saudade talvez da adolescência, talvez da capital civilizada, remotamente europeia, que ainda peguei no final dos Anos Dourados. E várias perguntas me assaltaram, irrespondidas.

Onde foram parar os risos, as vozes, os momentos de celebração ou de doçura que povoaram aquelas moradas?

Onde sumiram as festas de 15 anos, os casamentos, os chás tranquilos à sombra de acácias e flamboyants, os jantares que requeriam trajes de noite?

Que voragem consumiu as reuniões dançantes de sábado, os namoros inaugurados nos jardins floridos, os móveis, as louças, as telas, os espelhos, as salas de música refinadas, elegantes, e ainda assim nuas de ostentação?

Em qual dessas vilas reduzidas a tapetas uma senhorita atrevida e linda disparou um olhar de flama a um cavalheiro com quem estivera discutindo a quase cegueira de Huxley e a música revolucionária de Debussy?

Em que chaise-longue uma dama, lendo um romance de Lawrence, “O amante de Lady Chatterley”, percebeu seus sentidos ímersos em cúmplice alvorço?

Nem desconfo. Há lugares neste vasto mundo sem porteira em que te mostram: aqui era o palacete dos Buddenbrook; ali se desenrolou a saga dos Rougon-Macquart; naquela vivenda do canto Victor Hugo compôs Waterloo.

Já nós, somos superiores. Abolimos a memória. Talvez seja o melhor modo de deletarmos o passado e voltarmos as costas para o futuro.



Vanessa Kirby ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema de Veneza e uma indicação ao Oscar